

ABRACADABRA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

EM ARTES CÊNICAS

**COMO AS ARTES
COMUNICAM AOS ALIADOS**

da cena

**PODEM
RESPONDER À**

PANDEMIA

**CAOS
POLÍTICO**

**NO
BRASIL**

Organizadores: Ana Terra, Matteo Bonfitto,
Silvia Geraldi e Renato Ferracini

**COMO AS
ARTES DA
CENA PODEM
RESPONDER
À PANDEMIA E
AO CAOS
POLÍTICO NO
BRASIL?**

Organizadores:
Ana Terra
Matteo Bonfitto
Silvia Geraldi
Renato Ferracini



ABRACE

Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas.

Diretoria ABRACE

Gestão - 2019-2020... e pandemia

PRESIDENTE

Pq. Dr. Renato Ferracini (LUME - UNICAMP)

1ª SECRETÁRIA

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães (DACO - UNICAMP)

2ª SECRETÁRIA

Pqa. Dra. Raquel Scotti Hirson (LUME - UNICAMP)

TESOUREIRA

Profa. Dra. Mariana Baruco (DACO - UNICAMP)

COMISSÃO EDITORIAL

Profa. Dra. Ana Terra (DACO - UNICAMP)
Prof. Dr. Matteo Bonfitto (DAC - UNICAMP)
Profa. Dra. Silvia Geraldi (DACO - UNICAMP)

CONSELHO FISCAL

Profa. Dra. Patrícia Leonardelli (UFRGS)
Prof. Dr. Robson Haderchpek (UFRN)
Prof. Dr. Daniel Marques da Silva (UFBA/UFRJ)

SUPLENTE DO CONSELHO FISCAL

Profa. Dra. Melissa dos Santos Lopes (UFRN)
Prof. Dr. Marcilio Vieira (UFRN)
Profa. Dra. Ana Cristina Colla (LUME)

EDITORAÇÃO E DESIGN EDITORIAL

Arthur Amaral

EDIÇÃO

ABRACE

CO-EDIÇÃO

Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso (UnB)

COMITÊ EDITORIAL

Alba Pedreira Vieira

Alexandre Falcao de Araujo

Ana Paula Ibanez

Carlos Arruda Anunciato

Cassiano Sydow Quilici

Clóvis Dias Massa

Daniel Reis Plá

Daniela Amoroso

Daniele Pimenta

Denise Mancebo Zenicola

Dodi Tavares Borges Leal

Flavio Campos

Ismael Scheffler

Jandeivid Lourenço Moura

Jorge das Graças Veloso

José Denis de Oliveira Bezerra

José Sávio Oliveira Araujo

Julio Moracen Naranjo

Katya Souza Gualter

Lidia Olinto

Ligia Tourinho

Lucia Romano

Luciana Lyra

Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi

Marcia Maria Strazzacappa Hernandez

Maria Brígida de Miranda

Marianna Francisca Martins Monteiro

Martha De Mello Ribeiro

Naira Ciotti

Natacha Muriel López Gallucci

Paulo Marcos Cardoso Maciel

Rebeka Caroça Seixas

Robson Carlos Haderchpek

Stênio José Paulino Soares

Valeria Maria Chaves de Figueiredo

Veronica Fabrini Machado de Almeida

Vicente Carlos Pereira Junior

Wellington Menegaz de Paula

C735

Como as artes da cena podem responder à pandemia e ao caos político no Brasil? [recurso eletrônico] / organizadores: Ana Terra ... [et al.]. – Campinas : Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Artes, 2021.
1545 p. : il.

Inclui bibliografia.

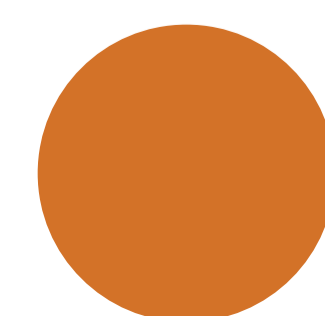
Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://portalabrace.org/4/index.php/anais-e-publicacoes/e-books-da-abrace>>.

ISBN 978-65-88507-02-5 (e-book)

1. Artes cênicas. 2. Infecções por Coronavirus. 3. Política - Brasil. I. Terra, Ana (org.).

CDU 792



COMO AS ARTES DA CENA PODEM RESPONDER À PANDEMIA E AO CAOS, POLÍTICO NO BRASIL?

Editorial

Diante do que não entendemos, muitas possibilidades se abrem. Pensando sobre a visão, podemos tentar adaptar o que acreditamos conhecer e fazer ajustes para, com isso, trazer alguma luz ao que não conseguimos enxergar. Considerando a audição, podemos tentar parar para escutar melhor a fim de ampliar o nosso horizonte aural e, quem sabe, reconhecer sonoridades até então não captadas. Independente dessas e de muitas outras possibilidades que podemos explorar, o deparar-se com o que não entendemos pode atuar como gerador de uma significativa expansão perceptiva, de mudanças de lógica, de modos de ser/estar no mundo. Em outras palavras, situações como essas podem ser oportunidades valiosas.

Cabe observar que as expansões perceptivas que emergem do não entendimento – nesse caso, produzido pela sobreposição entre o caos político que vivemos e o crescimento descontrolado da pandemia de Covid-19, ambos conectados pelo elo da necropolítica que irremediavelmente nos invade – não pretendem absolutamente neutralizar o importante exercício crítico que deve igualmente ser praticado em momentos como esse.

Talvez o entrelaçamento entre essas duas perspectivas possa constituir o eixo que, como uma tensão que não se resolve, permeia as seis seções propostas neste livro, a saber – Cena, resistência e experimentações digitais; Corpo, artes da cena e episteme; Feminismos plurais, performances e performatividades; Práticas de cuidado e espiritualidade; Ações performativas em isolamento; e Transversalidades dissonantes – somando um total de sessenta e sete trabalhos.

Sempre “presentes”, as artes da cena buscam aqui revelar, uma vez mais, o seu papel como geradoras de fissuras e ruídos extemporâneos que nos fazem entrever (com Agamben) caminhos possíveis em meio ao escuro do nosso tempo, para tentar (com Krenak) propor práticas para adiar o fim do mundo.

Comissão Editorial Abrace
Gestão 19/20/21

Ana Terra

Matteo Bonfitto

Silvia Geraldi

SUMÁRIO

capítulo 1

Cena, resistência e experimentações digitais

DOSSIÊ DO DESCURSO

Adriana Jorgge, Adriane Henandez, Chico Machado, Henrique Saidel,
Mesac Silveira, Patricia Leonardelli, Rodrigo Sacco Teixeira _____ 15

CRÔNICA: LIVEVER - A CENA E A LIVE

André Carrico _____ 95

ESPECTADORES DE UMA TEATRALIDADE PANDÊMICA: POEMAS DE CÁ E DESDE AÍ ONDE VOCÊ ESTÁ

Sócrates Fusinato _____ 99

POR UMA PEDAGOGIA TEATRAL TRANSFORMADORA: UM OLHAR PARA A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Anita Cione Tavares Ferreira da Silva _____ 117

TEATRO ON-LINE, TEATRO VIRTUAL, TEATRO POR STREAMING, TEATRO-MÍDIA? QUE TEATRO É ESTE QUE ECLODIU COM A PANDEMIA?

Maíra Castilhos Coelho _____ 144

O ESPAÇO EXPERIMENTAL DO PETECA

Mônica Melo _____ 172

VIDEOARTES CONTRA O CORONAVÍRUS: ENFRENTANDO PROBLEMAS PANDÊMICOS REAIS E EXPERIMENTANDO ESPETACULARIDADES VIRTUAIS

Filipe Dias dos Santos Silva, Michel Silva Guimarães _____ 198

QUEM SERÁ POR NÓS? ARTISTAS EM MEIO A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

Priscila Rosa _____ 216

O CIRCO, A PANDEMIA E O NÓ NA GARGANTA.

Daniele Pimenta _____ 224

VIVAM OS LOUCOS DAS LIVES! ARTE, FILOSOFIA E PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Charles Feitosa (UNIRIO) _____ 240

MOTIM NA QUARENTENA: DEBATES E AFETOS EM REDE

Profa. Dra. Luciana de F. R. P. de Lyra, Carolina Passaroni _____ 253

<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO – RELATO 1: APRESENTAÇÃO, PALESTRAS E MESAS TEMÁTICAS</i>	
Ismael Scheffler, Luiz Henrique Sá, Olívia Camboim Romano _____	287
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 2: COMUNICAÇÕES DE PESQUISA</i>	
Aby Cohen, Mariana Cesar Coral, Rosane Muniz Rocha _____	314
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 3: TEATRO FÓRUM E DESIGN EXPANSIVO COMO ESTRATÉGIAS DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO DIGITAL</i>	
Dalmir Rogério Pereira _____	339

capítulo 2

Corpo, artes da cena e episteme

<i>COLORIDO ESPECÍFICO: DAS COISAS POSSÍVEIS EM MEIO AO TANTO.</i>	
Heloisa Gravina, Michel Capeletti, Clarissa Ferrer, Guilherme Capaverde, Leticia Nascimento Gomes, Pâmela Ferreira, Thiago Santos _____	364
<i>TERRITÓRIOS DISRUPTIVOS: O CORPO-TEATRO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO</i>	
Martha Ribeiro _____	406
<i>IMPACTOS DA CRISE PANDÊMICA E POLÍTICA NO CORPO E EM SEU FAZER ARTÍSTICO</i>	
Tatiana Melitello _____	426
<i>DANÇA MODERNA E NOVAS EPISTEMES PARA O SÉCULO XXI</i>	
Tatiana Wonsik Recompenza Joseph _____	444
<i>DANÇA(S) COMPARTILHADA(S): COLABORAÇÃO ARTÍSTICA COM DANÇA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL</i>	
Melina Scialom _____	476
<i>DANÇAS EM QUARENTENA</i>	
Denise Mancebo Zenicola, Alba Vieira, Leda Ornellas, Débora Campos, Leticia Infante, Gisela Zaccari, Maria Paulo, Calé Miranda, Sofia Vivo, Carlos Ujhama _	502
<i>ENCRUZILHADAS E ENTRELAÇAMENTOS: TROCAS INTERINSTITUCIONAIS</i>	
Flávio Campos, Katya Gualter _____	515
<i>SILÊNCIO (29/04/2020 – 06/10/2020...)</i>	
Débora Campos de Paula _____	552
<i>O GRUPO PÉS COM E SEM PANDEMIA: DANÇA-TEATRO PARA/COM/POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA</i>	
Mônica Gaspar, Lidia Olinto _____	562



*COVID-A - 108.054 SEGUNDOS DE DANÇA POR CADA VIDA
INTERROMPIDA: PRIMEIRAS REFLEXÕES*

Valéria Vicente, Líria de Araújo Morais, Carolina Dias Laranjeira _____ 599

ESCRITOS CÊNICOS SOBRE A INTIMIDADE DE NOSSAS DANÇAS DIGITAIS

Maria Inês Galvão Souza, Fernanda de Oliveira Nicolini _____ 638

“BELISCA AQUI”: DANÇAS DA/NA/A PARTIR/DA PANDEMIA DE 2020

Alba Pedreira Vieira _____ 666

DANÇA NA PANDEMIA

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães, Beatriz Silvestre Rodrigues de Souza, Cássia Natiele Silva Durães _____ 696

capítulo 3**Feminismos plurais, performances e performatividades***BILHETES DE MULHERES DA CENA EM RESISTÊNCIA*

Dodi Leal, Luciana de F. R. P Lyra, Maria Brígida de Miranda, Lúcia Romano, Lígia Tourinho. _____ 712

CANSAÇO E CRIAÇÃO PERFORMATIVA EM CONTEXTO PANDÊMICO

Andre Luiz Rodrigues Ferreira _____ 734

*AS ARTES DA PRESENÇA CONTRA O APAGAMENTO HISTÓRICO AMBIENTAL:
UM MANIFESTO ECOPERFORMATIVO DECORONIAL*

Ciane Fernandes _____ 757

BREVES CRIAÇÕES PANDÊMICAS EM CARTAS NÁUFRAGAS

Patricia Fagundes, Louise Pierosan, Aline Marques, Daiani Picoli “Nina”, Juliana Kersting, Débora Souto Allemand, Iassanã Martins _____ 793

PERFORMANCE COMO EDUCAÇÃO EM PANDEMIA

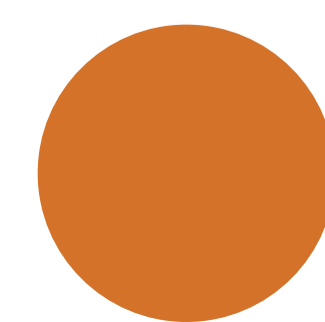
Estela Vale Villegas _____ 829

*AS ARTES CÊNICAS EM MEIO A PERFORMANCE PANDÊMICA DE UMA
SOCIEDADE INSUSTENTÁVEL*

Luiz Naim Haddad _____ 856

capítulo 4**Práticas de cuidado e espiritualidade***TIRAMOS A PELE, LAVAMOS A ALMA*

Nara Keiserman _____ 887



COMO VOCÊ ESTÁ SE SENTINDO HOJE? A CLÍNICA PERFORMATIVA DA UNIRIO
Juliana Manhães, Leticia Carvalho, Marcus Fritsch, Nara Keiserman,
Tania Alice _____ 908

capítulo 5

Ações performativas em isolamento

SEXAGENARTE - A VIDA NÃO PARA: OS PONTOS CARDEAIS DE MUITAS HISTÓRIAS
Rodrigo Sacco Flores Almeida Teixeira _____ 935

MODELAGEM DA MEMÓRIA OU INSIRA SUA JUSTIFICATIVA AQUI
Daniel Silva Aires, Mônica Fagundes Dantas _____ 940

QUARENTENA - QUANDO A ESPERA SE TORNA UMA AÇÃO
Éden Peretta, Bárbara Carbogim, Cláudio Zarco, Amanda Marcondes,
Vina Amorim, Daniela Mara, Diego Abegão, Fernando Del, Marina Freire,
Jefferson Fernandes _____ 954

*JOGO DO ESPELHO NOS TEMPOS DE COVID - AS ESTRATÉGIAS PARA
AULAS DE TEATRO SOB ISOLAMENTO SOCIAL.*
Elizabeth Medeiros Pinto, Suzane Weber Silva _____ 962

TEATROPALESTRA CAPETALISMO, PANDEMIA E PANDEMÔNIO.
Stefanie Liz Polidoro _____ 976

*[sem título] - AUSÊNCIA E PRESENÇA COMO FORÇA POÉTICA
NO ISOLAMENTO SOCIAL*
Ms. Rafael Machado Michalichem, Ms. Renata Mendonça Sanchez _____ 989

CORPORALIZANDO ECO-SOMÁTICA (HOLONÔMICA) #EM CASA
Carla Vendramin _____ 1004

DOIS AMORES E UM BICHO - UMA CARTOGRAFIA DA CONVIVÊNCIA
Danielle Martins de Farias _____ 1033

RECORTE-COLAGEM E ALGUNS REMENDOS
Silvia Balestreri _____ 1037

UM POEMA FILOSÓFICO PARA SE VIVER, MESMO NA PANDEMIA
Domenico Ban Jr. _____ 1044

VÔOS TANGENCIAIS DE AUTOEXPRESSÃO
Patrícia Souza de Almeida _____ 1049

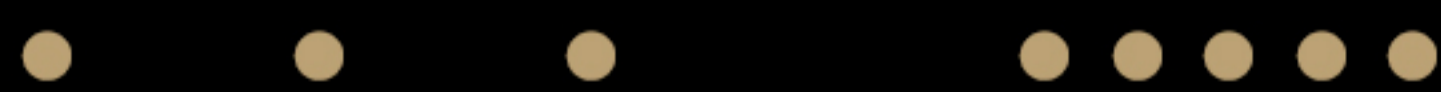
capítulo 6

Transversalidades dissonantes

- O USO DE MICRO-CONTROLADORES ARDUINO E A “CULTURA MAKER” NO ENSINO DE ILUMINAÇÃO CÊNICA: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES COM A ILUMINAÇÃO NAS RENOVAÇÕES DOS ESPAÇOS CÊNICOS*
Rafaela Blanch Pires _____ 1054
- PANORAMA DO ENSINO DE DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NAS MICRORREGIÕES CHAPADA DO APODI E SERIDÓ OCIDENTAL/RIO GRANDE DO NORTE*
Marcilio de Souza Vieira _____ 1079
- DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, UM ESTUDO SOBRE A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) E AS ESCOLHAS CURRICULARES DO DOCUMENTO DO RIO GRANDE DO NORTE.*
Carolina Romano de Andrade, Marcilio de Souza Vieira _____ 1103
- ACERVOS DOCUMENTAIS EM RELAÇÃO: UMA POÉTICA DE ATUALIZAÇÃO NA TÉCNICA DE EVA SCHUL*
Fellipe Santos Resende, Suzane Weber da Silva _____ 1139
- RESSONÂNCIAS DE UMA PRESENÇA E UMA ESCUTA: DO QUE SE FAZ EM TEATRO E DANÇA*
Valéria Maria Chaves de Figueiredo, Adriano Jabur Bittar _____ 1155
- DESVELANDO A ÂNIMA*
João Vítor Ferreira Nunes _____ 1172
- MEU INVENTÁRIO NO CORPO*
Mylene da Silva Moreira, Flávio Campos _____ 1202
- A POÉTICA DA APARIÇÃO E CURA: REFLEXÕES A PARTIR DA GRAMÁTICA NEGRA CORPORAL AMPLIFICADA*
Janaína Maria Machado (UFBA) _____ 1223
- DO TEATRO QUE É BOM... O PENSAMENTO ESTÉTICO TEATRAL DE OSWALD DE ANDRADE.*
Nanci de Freitas _____ 1238
- O AUTOENFRENTAMENTO: PRÁTICAS DE YOGA E MEDITAÇÃO NA FORMAÇÃO DA ATRIZ*
Daniela Corrêa da Cunha, Daniel Reis Plá _____ 1273
- O DESPERTAR CONTEMPORÂNEO NAS RELAÇÕES ENTRE DANÇA E SAGRADO FEMININO*
Lauana Vilaronga Cunha de Araújo, Geisa Dias da Silva,
Tânia Guerra de Souza _____ 1303

<i>CRIAÇÃO INFANTIL: CAMINHOS E QUESTIONAMENTOS</i> Allana Bockmann Novo, Flávio Campos _____	1331
<i>IDENTIDADE MOVEDIÇA: OS TRILHOS DO SAMBA NA CIDADE CULTURA</i> Giullia Almeida Ercolani, Luiz Naim Haddad _____	1344
<i>UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE AS INTERFERÊNCIAS DA CORRENTE TEÓRICA “PÓS-MODERNISMO” NA CRIAÇÃO EM DANÇA NA CONTEMPORANEIDADE</i> Natália Colvero, Flávio Campos _____	1352
<i>CORPO-LUZ: PENSAMENTOS ACERCA DOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO DA ILUMINAÇÃO CÊNICA PARA O TEATRO CONTEMPORÂNEO.</i> Ana Luisa Quintas, Alice Stefânia Curi _____	1364
<i>UM RETORNO ATENTO AO BRINCAR: CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A DANÇA</i> Fernanda Battagli Kropeniski, Flávio Campos _____	1402
<i>DA COR DO AZEVICHE: A NEGRITUDE COMO POÉTICA DE RESISTÊNCIA NAS ARTES DA PRESENÇA</i> Stênio José Paulino Soares _____	1414
<i>O TEATRO POLÍTICO E AFROCENTRADO DO BANDO DE TEATRO OLODUM (1990): A FORMAÇÃO DE UM TEATRO NEGRO NA BAHIA.</i> Heverton Luis Barros Reis _____	1440
<i>“DENTES DE CACHORRO E CASCOS DE CAVALO”:</i> O MITO DE MICAELA Mariclécia Bezerra de Araújo _____	1473
<i>É “LEI”!</i> ESPETÁCULO DE DANÇA CONTEMPORÂNEA CRIADO EM PROCESSO COLABORATIVO Alba Pedreira Vieira, Marcus Diego de Almeida e Silva, Carlos Gonçalves Tavares _____	1493
<i>A PRODUÇÃO CULTURAL DO BRASIL OITOCENTISTA E A ATUAÇÃO DE MULHERES NO TEATRO POPULAR.</i> Lílian Rúbia da Costa Rocha _____	1521
<i>FILOSOFIA PERFORMACE: ARQUIVOS AUDIOVISUAIS DAS CULTURAS POPULARES DE AMÉRICA LATINA</i> Natacha Muriel López Gallucci _____	1546

CAPÍTULO 1
CENA,
RESISTÊNCIA
E EXPERIMENTAÇÕES
digitais



MOTIM NA QUARENTENA: DEBATES E AFETOS EM REDE

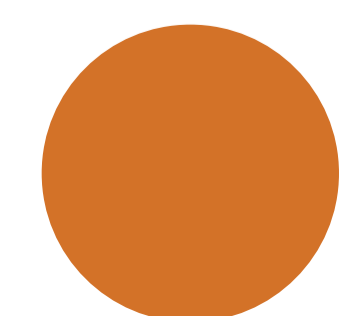
Profa. Dra. Luciana de F. R. P. de Lyra¹
Carolina Passaroni²

__RESUMO

Este artigo tem como escopo descortinar uma ação virtual em rede desenvolvida no período pandêmico, entre os meses de junho e julho de 2020, com o grupo de pesquisa *Motim – Mito, Rito e Cartografias feministas nas artes* (CNPq), coordenado pela pesquisadora Profa. PhD. Luciana Lyra, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com participação de pesquisadores-artistas desta universidade

¹ Luciana Lyra é coordenadora e docente permanente do Programa de pós-graduação em Artes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGARTES/UERJ), docente efetiva do Departamento de Ensino da Arte e Cultura Popular na mesma universidade. É professora colaboradora e pós-doutora em Artes Cênicas pelo Programa de pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGARC/UFRN). Também é docente colaboradora do Programa de pós-graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGT/UDESC). Pós-doutora em Antropologia, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), doutora e mestre em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes (IA/UNICAMP), coordena como pesquisadora-líder o grupo de pesquisa MOTIM – Mito, Rito e Cartografias feministas nas artes (CNPq) e seu estúdio de investigação, UNALUNA – PESQUISA E CRIAÇÃO EM ARTE. Luciana Lyra é atriz, performer, encenadora, diretora, dramaturga e escritora. Sites: www.unaluna.art.br e www.lucianalyra.com.br.

² Discente da graduação artes do Instituto de Artes da UERJ. Pesquisadora do grupo MOTIM – Mito, Rito e Cartografias feministas nas Artes. Bolsista PIBIC/CNPq. Carolina Passaroni foi responsável pela transcrição das lives do projeto MOTIM NA QUARENTENA que integram este texto.



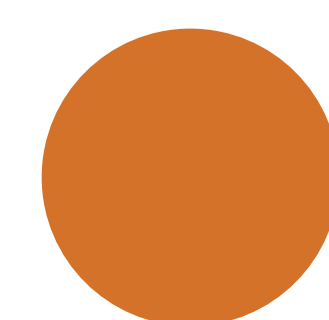
em articulação concomitante com pesquisadores-artistas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). O projeto intitulado MOTIM NA QUARENTENA realizado via *lives* no aplicativo *instagram*, instaurou debates e campos de afetos ligados aos feminismos plurais tendo a cena, suas poéticas e pedagogias como plataformas privilegiadas de discurso de agendas.

__PALAVRAS-CHAVE

Motim, Ação Virtual, Quarentena

__ABSTRACT

This article aims to unveil a virtual network action developed in the pandemic period, between the months of June and July 2020, with the research group Motim - Mito, Rito e Cartografias feministas nas artes (CNPq), coordinated by the researcher Profa. PhD. Luciana Lyra, at the State University of Rio de Janeiro (UERJ), with the participation of researchers-artists from this university in conjunction with researchers-artists from the Federal University of Rio Grande do Norte (UFRN) and the University of the State of Santa Catarina (UDESC). The project entitled MOTIM NA



QUARENTENA carried out via lives in the instagram app, established debates and fields of affection linked to plural feminisms with the scene, its poetics and pedagogies as privileged platforms for discourse on agendas.

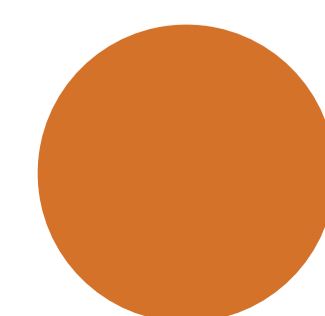
__KEYWORDS

Riot, Virtual Action, Quarantine

O MOTIM - MITO, RITO E CARTOGRAFIAS FEMINISTAS NAS ARTES, criado em 2015, é um grupo de pesquisa vinculado ao CNPq e à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e tem se destacado por seu caráter interinstitucional, gerando discussões e pesquisas também na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Nesse trânsito se vem diluindo fronteiras acadêmicas que separam o Nordeste, do Sudeste e Sul do Brasil e construindo pontes entre artistas-pesquisador@s³.

Concebido, fundado e coordenado pela Profa. PhD.

³ A utilização do símbolo '@' ou da letra 'e' grafados em alguns vocábulos no decorrer deste texto tem como objetivo não restringir a linguagem ao gênero masculino totalizante.



Luciana Lyra, o MOTIM, como aponta seu subtítulo, tem duas linhas de pesquisa que se entrecruzam, uma ligada aos estudos de mitos/ritos numa articulação entre a arte e antropologia e outra atrelada às cartografias feministas, trafegando por questões ligadas aos feminismos plurais na relação com as artes da cena. Naturalmente estas linhas se entrecruzam e circulam nas discussões artísticas acerca da mulher, dos arquétipos femininos, das questões de gênero, racialidade e diferentes feminismos que norteiam as lutas das mulheres em solo nacional.

Trafegando pelo campo do mito como suporte, entende-se, no MOTIM, que a narrativa mítica e seus ritos tornam-se espaço de reconto da gênese do que é pessoal em trama retroalimentativa com as demandas sociais, fundamentalmente políticas. Como discorre a Profa. Luciana Lyra em editorial de dossiê na Revista Arte da Cena (UFG), homônimo ao grupo de pesquisa:

No MOTIM, os campos colaborativos do mito e do rito, rechaçados pelas ciências duras e pelas artes formalistas ganham discussões. Estes eixos de pesquisa acabam por fomentar coletivos de artistas atrelados a processos autorais, partindo de mitologias pessoais para criação, assim como investigação de contextos de alteridade, que dialogam com camadas de personalidade. Por sua vez, esse alcance do que é pessoal na produção artística, em especial, na produção artística de mulheres, galga seu aspecto político e público, com inspiração feminista no trato dos mais variados temas. (Lyra, 2017, p. 4)



Importante frisar que nomear o grupo de MOTIM não se configura com uma inocente ação de sua coordenadora-líder, buscou-se, ao titular o coletivo de pesquisa, a criação de nichos de discussão, nos *topos* da graduação e pós graduação em artes da cena das citadas universidades, entendendo a arte como plataforma de debates de agendas feministas, bem como almejou-se à ampliação desses mesmos debates ao congregar diferentes regiões deste Brasil continental, criando uma espécie de teia insurreta de atuação no campo das pesquisas em artes da cena.

Evidente que tem sido comum associarmos o vocábulo MOTIM no significado negativo da experiência coletiva, atrelando a atos destrutivos de indisciplina à ordem pública. Contudo, na perspectiva deste grupo, a ideia de amotinar-se alcança novos paradigmas conduzindo-nos para ações de mulheres que ao usar a cena enquanto eirado para testemunhos pessoais, insubordinam-se performativamente contra os fixos modelos instaurados pelo patriarcalismo nos mais diversos campos de conhecimento, justificando a abordagem de agendas privadas de mulheres no plataforma da cena, na fulguração de novas políticas para os tantos femininos que nos assolam contemporaneamente.

A saber, desde 2015, o MOTIM vem se destacando com a produção de *mostras artísticas*, produção de eventos e defesas de pesquisas, dentro do contexto da UERJ, mas

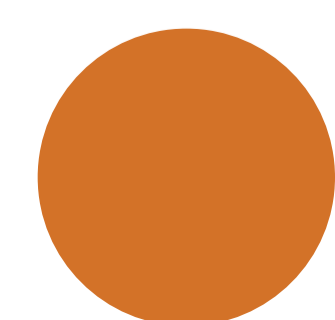


também no diálogo com as outras universidades referidas. No entanto, para além destas ações, o grupo mantém encontros semanais regulares de discussão estimulando a troca e aprendizagem coletiva.

Em 2020, a primeira reunião ordinária do MOTIM, sucedeu-se no princípio do mês de março no *Laboratório de ensino da arte*, do Instituto de Artes da UERJ, onde foi apresentado um cronograma, que em menos de uma semana dissolveu-se frente ao caos instaurado com a pandemia de COVID-19 e a instalação do isolamento social.

Com aulas e encontros de pesquisa cancelados na universidade, diluiu-se um panorama de certa normalidade acadêmica. Cercead@s de juntarem-se frente às demandas das investigações, @s amotinad@s foram convocad@s a encontrar meios emergenciais de constituir ações construtivas, congregações e não perpetuar ainda mais estes conturbados dias, na compreensão de que o insulamento é o exato contrário do amotinamento. Entre os meses de março e maio, passou-se a investir na escrita de vinte e sete artigos individuais d@s pesquisador@s, que organizados acabaram por construir a ideia de uma publicação ora intitulada *O Livro do Motim (2020)*, atualmente no prelo pela PACO EDITORIAL, de São Paulo.

Contudo, a partir do mês de junho deu-se por iniciada



a interlocução mais efetiva com os meios virtuais, por meio do projeto nomeado de MOTIM NA QUARENTENA, uma série de debates em formato de *lives*⁴ no aplicativo no *instagram* na página @amotinadas_, versando sobre três grandes temas: I.) *Poéticas e pedagogias pretas nas artes da cena: racialidade e feminismos*; II.) *Pedagogias feministas nas Artes da Cena: o contexto da educação formal e não formal* e III.) *A cena da margem ao centro: outros feminismos*.

Sucedendo nas segundas e terças, à noite, as *lives* trouxeram micro-temas ligados aos três grandes eixos acima expostos, sempre mediados pela Profa. PhD. Luciana Lyra. Na primeira *live*, datada de 01 de junho de 2020, foram estabelecidos diálogos com as artistas-pesquisadoras-negras Jhanaína Gomes⁵ e Maria Flor⁶, a partir do grande tema *Poéticas e pedagogias pretas nas artes da cena: racialidade e feminismos*.

A referida *live* foi disparada a partir de uma reflexão acerca do Brasil como país totalmente baseado num sistema escravista, pautado na elevação cultural branca

⁴ Após o projeto realizado no *instagram*, as *lives* tomaram parte de um canal no *youtube*, sob o título MOTIM – Mito, Rito e Cartografias feministas nas artes: <https://www.youtube.com/channel/UCT9hXU6MWZNC0OVvyx0zRgg>

⁵ Jhanaína Gomes é atriz, bailarina, performer, produtora. Mestre em artes cênicas pela UFRN, formada em artes cênicas pela UFPE, especialista em dança pela Sensupeg. Em formação em terapia Ayurveda. É professora de expressão corporal em duas escolas da rede particular de ensino em Recife. Criadora do espetáculo Mi Madre. Sua pesquisa abarca os campos do teatro, da dança, da performance, do improviso, da dança-terapia e da saúde integral. Dedicar-se a investigar diariamente como as experiências de vida do artista podem interferir, colaborar e dar sentido ao seu processo criativo.

⁶ Artista-docente em formação. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRN e licenciada em Teatro pela mesma instituição, onde desenvolve uma pesquisa teórico-prática vinculada ao grupo de pesquisa e extensão MOTIM – Mito, Rito e Cartografias Feministas nas Artes (UERJ), sob orientação de Luciana Lyra.

e na discriminação e exploração da população negra. Compreendendo o modelo representacional que constituiu a formação de nossa sociedade, destacou-se a supremacia branca como norte no controle das imagens de pessoas negras. Nesse sentido, foi trazida à reflexão da feminista bell hooks:

Dei conta de que, para as pessoas negras, a dor de aprender que não podemos controlar nossas imagens, como nos vemos ou como somos vistos, é tão intensa que isso nos esfapeia. Isso destrói e arreventa as costuras de nossos esforços de construir o ser e nos reconhecer. Com frequência, ficamos devastados pela raiva reprimida, nos sentimos exaustos, desesperançados e, às vezes, simplesmente de coração partido. (2019, p. 35)

Ao compreender a importância de comunicar sua história, experiência e trajetória de vida enquanto mulher negra, Jhanaína Gomes manifestou na sua *live*, o direito à narrativa de sua existência, sobretudo, através da construção de seus processos artísticos e de suas práticas pedagógicas. Enfatizando a necessidade de coerência entre a atuação como artista e professora e suas inquietações e questões eminentes, ela ressaltou que os acontecimentos no âmbito pessoal e social não se dissociam de sua pesquisa e produção artística, pois ambos se retroalimentam, conduzindo seu trabalho e sua vivência. Ao relatar sua atuação

como professora em uma escola particular de Recife-PE, majoritariamente branca, transpõe-se a necessidade permanente da elaboração de estratégias educacionais que propiciem diálogos com “novas” epistemologias silenciadas através das estruturas de poder ao longo da história.

A ausência de referências negras nos espaços acadêmicos e artísticos ao decorrer de seu percurso no campo das Artes Cênicas salientou para Jhanaína questionamentos a respeito das identidades raciais e dos processos de apagamento das narrativas e memórias da população negra em determinados espaços, provocando-a a criação de espetáculos que abarcam suas demandas e vivências enquanto elementos centrais de sua produção e explanação artística, como em “Mi Madre”, espetáculo que aborda a cura ancestral, alinhavando sua história com as realidades das mulheres de sua família.

Na esteira de Jhanaína Gomes, a pesquisadora Maria Flor investiga os atravessamentos da cena performática a partir do corpo da mulher negra, movendo a discussão em torno da pesquisa sobre o conceito de *lugar de fala* (Ribeiro, 2018), no qual, suscitou-se o diálogo estreitado da sua reflexão e vivência pessoal com a obra da autora brasileira Carolina Maria de Jesus, particularmente a partir do livro “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada” de 1960. Ao relatar as memórias dos processos de



embranquecimento que vivenciou ao longo de sua vida, revisitando traumas físicos e simbólicos promovidos pelos ambientes sociais alicerçados de acordo com modelos racistas, Maria Flor afirmou a urgência de se evidenciar referências positivas dos sujeitos negros – historicamente e socialmente estigmatizados – especialmente no exercício educacional e pedagógico.

Em sua prática como professora do Ensino Fundamental, em Natal-RN, desdobram-se considerações sobre feminismo negro e questões raciais junto aos alunos, ressaltando obras de importantes autoras e autores negros, reiteradamente invisibilizados nos espaços acadêmicos. A inquietação de sua pesquisa artística associa-se íntima e profundamente com sua dimensão existencial, compreendendo que ao reivindicar e ocupar determinados espaços negados à população negra durante séculos e não mais permitir ser silenciada e marginalizada, pelas estruturas ditas “hegemônicas”, ela reescreve sua própria história, onde sua existência “pesa” de forma positiva.

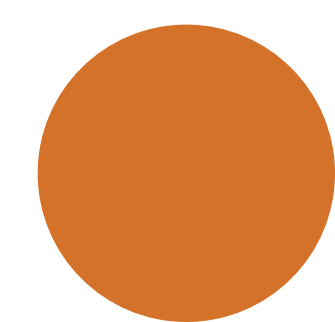
Dança negra e seus caminhos na preparação corporal de atrizes e atores foi o micro-tema focado por Fernanda Dias⁷ em sua *live*. Sua pesquisa cênica no teatro trafega

⁷ Atriz, autora, pesquisadora e dançarina de danças de Matrizes Africanas. É Mestre em Artes Cênicas pela UNIRIO e Doutoranda em Artes pela UERJ. É especialista em Preparação Corporal para as Artes Cênicas com formação pela Faculdade de Dança Angel Vianna – FAV RJ e em Danças Tradicionais e Contemporâneas do Senegal, com formação na Ecole des Sables, no Senegal, África. Uma das fundadoras de Os Ciclomáticos Cia de Teatro 1996, RJ e do Coletivo Negração 2016 RJ. Atua como atriz e coreógrafa o Coletivos Madalena Anastácia e Grupo Cor do Brasil. A partir de 2019 integra como das pesquisadoras do o grupo Motim

em meio às danças negras, compreendidas enquanto manifestações artísticas e culturais dos sujeitos negros, advindas das danças de matrizes africanas e remodeladas no decorrer do tempo através da influência de outras referências. A partir de sua familiaridade com elementos das danças negras inseridas em seu cotidiano e o contato inicial com essas expressões no palco, despertou-se um profundo arrebatamento e o desejo em pesquisá-las.

A possibilidade de transformação das especificidades absorvidas no repertório de movimentos das danças negras tornou-se substância motivadora de seu interesse, correlacionada à conexão com o continente africano, no entanto, o que prevalece em sua investigação e aprofundamento se revela no que está por trás do movimento, no que dele salta, e não apenas no movimento como forma, esvaziada de seu conteúdo. Através de suas experiências cênicas no Senegal e, sobretudo, no contato com a coreógrafa e bailarina senegalesa Germaine Acogny – importante referência para a sua atual pesquisa

Fernanda norteia suas experimentações e oficinas de preparação corporal de atrizes e atores, compreendendo a incorporação dos elementos que nos cercam como potencializadores do movimento e enquanto ampliadores do gesto cênico, abarcando fundamentalmente em seu trabalho as origens das danças negras e a mitologia dos orixás.





Figuras 1 e 2 - Flyers de divulgação de *lives* do projeto MOTIM NA QUARENTENA. Arte Lisa Miranda.

O pesquisador Kleber Lourenço⁸ nos trouxe o micro-tema *Poéticas negras na cena: corpo e movimento*. Conduzindo o pensamento e a investigação artística pautados nas poéticas e estéticas negras nas artes da cena, Lourenço considera preponderante a dimensão da experiência do sujeito que dança ao abordar os processos criativos e autorais dos sujeitos negros, justamente por não estabelecer uma visão única e restritiva dessas linguagens, possibilitando uma percepção expandida das diferentes manifestações artísticas, admitindo a instância de pluralidade das narrativas e compreendendo a subjetividade dos artistas.

⁸ Ator, Dançarino, Encenador, Coreógrafo, Arte-educador e Pesquisador em Artes da Cena. Doutorando em Artes pela UERJ (2019) e Mestre em Artes pela UNESP (2015), na linha de pesquisa: Estética e Poéticas Cênicas. Licenciado em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Pernambuco UFPE (2006). É diretor artístico e intérprete do Visível Núcleo de Criação (PE-SP), encenador da Capulanas Cia de Arte Negra (SP) e integrante do Grupo de pesquisas MOTIM CNPq/UERJ. Com ênfase em processos criativos, atua nos seguintes temas: dança, teatro, culturas populares, arte negra, encenação e formação do intérprete. Como artista-pesquisador participou das comissões de seleção do edital Rumos Itaú Cultural 2017 e 2019, Território SESI-SP de Artes e Cultura 2018 e dos editais da Secretaria de Cultura de São Paulo: Fomento à Dança - XVIII, XX, XXVI e XXVIII edições e Programa VAI II - 2018. Como artista-formador foi Orientador de Artes Cênicas do SESI Marília (2016-2018) e SESI Mauá (2019), arte-educador no programa Fábricas de Cultura do Governo do Estado de São Paulo (2013-2015) e no Programa Vocacional Dança (2013). É artista orientador no programa Qualificação em Dança do Estado de São Paulo (2019 - 2020).

Ao comunicar sobre o sujeito negro em sua pesquisa na cena das artes, Kleber ressalta a extensão do termo no âmbito político, social e individual. Em sua vivência e experimentação artística na dança, em cruzamento com o teatro, foram suscitadas indagações conflitantes sobre os repertórios enfatizados nas matrizes de danças populares, buscando apreender a singularidade dos modos de existir artisticamente dentro da negritude a partir dos diferentes contextos e corporalidades de seus agentes, que em inúmeros casos não se utilizam do vocabulário das matrizes tradicionais como referências de suas produções. Kleber chama a atenção, ainda, para os mecanismos de autonomia dos espaços artísticos potenciais de atuação dos sujeitos negros, como contra narrativas aos espaços de violência simbólica da branquitude que manipulam as imagens da negritude na sociedade a serviço de uma espetacularização do sofrimento.

Tomando como mote o micro-tema *Arte e imagem do inconsciente: processos cênico-pedagógicos*, Adriana Rolin⁹ fundamenta sua pesquisa artística e pedagógica na cena performática a partir dos conceitos sobre os fluxos

⁹ Adriana Rolin é atriz de teatro há vinte anos, arteterapeuta com abordagem junguiana, escritora, mestra em Artes, doutoranda em Artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e bolsista Capes. “Cria Jubal” [2016], “Versos, Flores e Vaginas” [2018], “Princesa Obá” [2019], “Yriádobá Da Ira à Flor” [2019] e “Ei, Mulher” [2019] são os seus livros já lançados pela Editora Metanóia. Foi atriz-pesquisadora do Ateliê de Pesquisa do Ator regido pelo Sesc Paraty sob coordenação pedagógica de Carlos Simioni e Stephane Brodt por 4 anos. Ela integra os seguintes grupos: MOTIM - Mito, Rito e Cartografias Feministas nas Artes; Medeia e suas Margens e, Casa Ateliê do HUPE, ambos regidos pela UERJ; Coletiva Agbara Obinrin com o espetáculo “Ei, Mulher” em reverência às seis deidades femininas iorubanas; e GERU MÃA Filosofia Africana regido pela UFRJ. Atualmente desenvolve sua pesquisa “Influxos Artaudianos” com clientes-artistas do Museu de Imagens do Inconsciente e com artistas-pesquisadoras da COART.

corporais artaudianos e as forças cósmicas da natureza. Ao estabelecer diálogos de sua práxis com os escritos de Antonin Artaud sobre o corpo no teatro, entrelaçando-os às mitologias dos orixás – afro-diaspóricas – através da incorporação dos elementos da natureza, Adriana aproxima-se das relações do teatro negro e do candomblé em sua pesquisa.

O arrebatamento de sua investigação pela via pedagógica atua pela perspectiva teatral da experiência, da intensidade e das aparições, que intencionam a desterritorialização do corpo através da arte, propiciando o acesso de imagens do inconsciente, em dimensão ancestral. Através dos processos de criação cênica no Museu de Imagens do Inconsciente, como arte-terapeuta, Adriana evidencia a pauta sobre a loucura, permeada por demandas sociais e políticas, sobretudo ao questionar sobre os processos de exclusão e marginalização dos sujeitos negros nas sociedades, os ocasionando adoecimentos físicos, psíquicos e emocionais. Rememorando o relato íntimo de loucura e suicídio de sua avó materna em sua pesquisa, Adriana reflete sobre a saúde mental da população negra e, especificamente, da mulher negra, localizada como a Outridade da Outridade na estrutura social idealizada pela branquitude, auxiliando-se pelos apontamentos delineados no livro “Memórias de Plantação” da escritora e teórica Grada Kilomba (2019).

No diálogo com a pesquisadora Cristiane Souza¹⁰ começamos a refletir o segundo grande tema do projeto MOTIM NA QUARENTENA, destinado *Pedagogias feministas nas Artes da Cena: contexto da educação formal e não formal*. Na *live* com Cristiane compreendemos que a pesquisadora vem conduzindo seus processos e práticas, nos diferentes campos de atuação, a partir do termo Quilombismo, ou Aquilombamento, conceito que foi desdobrado por Abdias do Nascimento (1997), a fim de expressar uma práxis norteada através dos processos de construção e organização de agrupamentos socioculturais, compreendidos enquanto movimentos de libertação da população negra diaspórica. Deste modo, Cristiane evidencia os atravessamentos e possíveis transformações do termo em nosso tempo, considerando os novos mecanismos de manutenção dos motivos culturais tradicionais oriundos dos povos afro-brasileiros, a partir de uma perspectiva que contemple o fazer artístico como potencializador pedagógico.

Considerando, assim, que a atualização do conceito de quilombo surge da necessidade intrínseca de se preservar saberes, conhecimentos rituais, e sobretudo, de manutenção da própria existência afro-brasileira, compromete-se com uma postura decolonial em sua prática enquanto artista e

¹⁰ Cristiane Souza é formada em teatro pela Escola de Teatro Martins Pena desde 1997 e em Artes pela UERJ, em 2010. É mestra em Artes pela UERJ e leciona Artes Visuais na rede Municipal da cidade do Rio de Janeiro. Desenvolve trabalhos de performances, tendo participado de exposições, mostras, simpósios e seminários. Como atriz, atuou nas peças “Missa dos Quilombos” e Havana Café” e “Olga Benário, um breve futuro”, da Companhia Ensaio Aberto.

educadora, e reflete sobre o exercício de transpor essas relações para o espaço de sala de aula. O que ela propõe é a instauração de uma coletividade ativa, com sujeitos integrados, conscientes e participantes, por meio de ações e experiências que gerem encantamento pela vida e para vida dessas alunas e alunos, em contínuo diálogo com suas realidades, narrativas e subjetividades.

A partir desse segundo grande tema, também foi recebida a pesquisadora Adriana Mira-Cunhã¹¹ com a pesquisa sobre *Teatro comunitário e pedagogia Ubuntu na África do Sul*. Permeada por um chamado ancestral que a conduz num processo de relação e de pesquisa artística e pedagógica com a África do Sul, Adriana Mira-Cunhã se depara com dinâmicas sociais e relações de convivialidade outras, onde as práticas de cuidado, afeto e respeito mútuo se evidenciam. Sua pesquisa delinea-se a partir do diálogo com o teatro comunitário na África do Sul e com a perspectiva Ubuntu, prática filosófica e cotidiana, em dimensão metafísica, que propõe uma compreensão outra para as relações de convívio, construindo, assim, uma interlocução mediada através do fazer cartográfico pelos espaços físicos e por suas camadas históricas, antecedidas por cenários de disputas e de processos de segregação racial.

¹¹ Nome de renascimento de Adriana Miranda da Cunha, que é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Teatro (PPGT) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) - Brasil, sob a orientação da Prof. Dra. Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra, na linha de pesquisa Teatro, Sociedade e Criação Cênica (2016-2020). Contato cunhamadri@gmail.com (www.dancaorganica.org).

O contato com um projeto artístico e cultural, oriundo de um programa de reparação, idealizado para jovens e crianças em fase escolar, no Teatro Hillbrow em Johannesburgo, levou-a à presenciar os processos criativos elaborados por seus participantes, defrontando-se com abordagens que traçavam questões de gênero, racialidade, religiosidade e comunicação linguística entre afro-migrantes, levantadas, sobretudo, por um grupo de meninas que integravam o projeto neste período, enriquecendo ainda mais os debates de sua pesquisa, acerca das demandas feministas que emergiam.

Com a pesquisadora Brisa Rodrigues¹² discutimos *Mito, ativismos e oficinas na escola*. Partindo dos contornos de sua trajetória e diante de um resgate e restauração do contato com seu corpo, atravessada por uma dimensão ancestral, Rodrigues elege a perspectiva do mito e da *Mitodologia em arte* (LYRA, 2015), sistema rizomático de criação, como guia de sua pesquisa artística e teórica. Norteadas por suas experiências cênicas e provocada por indagações propostas através da performance-arte, da antropologia da performance e da teoria do imaginário, Brisa estabelece o conceito de “Corpo Bandeira”, conduzido por questões feministas.

12 Brisa Mirele Barbosa Rodrigues é doutoranda em artes cênicas (UNIRIO), Mestre em arte (IA/UERJ); é atriz formada pela Escola de Teatro da UFBA e está se especializando no curso CESPEB: Ênfase no ensino contemporâneo de arte (UFRJ). Em 2006 foi uma das fundadoras da Trup Errante, grupo de teatro oriundo da Vale do São Francisco. É integrante do Coletivo Ponto Zero, grupo de atores da Bahia sediado no Rio de Janeiro e integra também o grupo de pesquisa MOTIM – Mito, rito e cartografias feministas nas artes (CNPq/UERJ).



Outro movimento fundamental em seu processo é o “Mito da mulher revolucionária”, enquanto *mito-guia*¹³ de sua pesquisa, delineado a partir da narrativa pessoal e do relato de histórias de mulheres que se colocaram contra poderes opressivos instaurados, praticando o ato de Antinomia, como no mito da Antígona. Compreendendo o mito em sua dimensão pedagógica, como um caminho de ensinamento e aprendizado, reconhece a *Mitodologia em Arte* como um agente multicultural para a prática de uma pedagogia engajada nos espaços de ensino.

Seguindo as discussões acerca das pedagogias feministas nas artes da cena, trabalhamos o tema *Contaçon e reinvençon de histórias: contos de fadas e processos cênico-pedagógicos*, com as pesquisadoras Lisa Miranda¹⁴ e Julia Prudêncio¹⁵.

Refletindo sobre a dimensão narrativa na transmissão de conhecimentos e de saberes, que reverberam no tempo, e partindo do desejo de interligar questões dos âmbitos da arte, da educação e dos feminismos em sua pesquisa, Lisa Miranda reapropria-se da prática da oralidade em sua atuação pedagógica através das narrativas dos contos

¹³ Referente a procedimento da Mitodologia em Arte, de Luciana Lyra. Traduz-se como Mito diretor de um processo criativo em arte.

¹⁴ Lisa Miranda é professora de artes, arte-educadora em exposições de arte e cultura em museus e centros culturais no Rio de Janeiro. É Integrante do grupo MOTIM - Mito, Rito e cartografias feministas nas Artes (CNPq), com pesquisas de iniciação científica e monografia desenvolvidas no âmbito da graduação em Artes Visuais, pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Pós-graduanda na especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, no Colégio Pedro II- RJ

¹⁵ Atriz e diretora bacharela em artes cênicas pela Universidade Estadual de Campinas, atualmente mestranda do Programa de Pós-graduação em Teatro da Universidade Estadual de Santa Catarina, na linha de pesquisa de Imagens Políticas.

de fadas. Apreendendo o conto como importante material simbólico e de construção subjetiva, investido de saberes e instruções, tendo origem na tradição oral atribuída historicamente, socialmente e culturalmente ao gênero feminino.

A apropriação do conto pela literatura e pela indústria do entretenimento determinou novas formulações narrativas, pautadas em conceitos moralizantes, refletindo a perspectiva das estruturas hegemônicas, por meio de relações de poder não neutras, direcionando-os ao público infantil. Contudo, Lisa utiliza-se de narrativas lúdicas na construção de diálogos críticos que adentrem os espaços escolares, através do exercício da imaginação, possibilitando a introdução de debates acerca das questões de gênero e dos feminismos, refletidas a partir dos estereótipos observados nas histórias e transpostas para as realidades das crianças e adolescentes com quem trabalha.

No que se refere à Julia Prudêncio o que se vem desenvolvendo são oficinas teatrais com mulheres desde 2018, dilatando a proposição cênica para um espaço de trocas entre mulheres e suas narrativas, partindo de questionamentos que conduzam abordagens feministas, desdobradas a partir do conto do Barba Azul, de autoria creditada a Charles Perrault, como meio ou instrumento que suscite a reflexão crítica de forma orgânica. O exercício



de refletir a partir do conto de fadas, enquanto modelo simbólico, em diálogo e correspondência com aspectos do cotidiano das mulheres, estabelece diretamente uma relação familiar e íntima com suas próprias histórias e narrativas, num processo de costura entre a ficção e a realidade.

Ao trabalhar especificamente o conto do Barba Azul e seus arquétipos em cena, são evidenciados processos de violência de gênero, onde a mulher protagoniza uma ação de se libertar e de se resguardar de uma força predadora masculina e misógina que a ameaça. Deste modo, ao pensar o mito como método e estratégia de criação cênica, Júlia vem delineado diálogos sensíveis, feministas e políticos, junto à essas mulheres, por meio de um fazer relacional e da construção contínua de uma rede de resistências.

Ainda no tema das pedagogias feministas, o diálogo se deu também com a pesquisadora Franciele Aguiar¹⁶ a partir do micro-tema *Corpo-voz e imaginário: processos poéticos e pedagógicos*. Compreendendo a dimensão da voz como disparadora do processo criativo em cena e como ação evocadora de imagens e de memórias que articulam temporalidades, possibilitando um estado que mobiliza o

¹⁶ Atriz, pesquisadora e professora, graduada em Teatro com habilitação em Interpretação Teatral pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRGS. Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), na linha de pesquisa Imagens Políticas. Sua pesquisa aborda a vocalidade no processo de criação cênica, experimentando caminhos para pedagogias e poéticas feministas. Sob a orientação da Profa. Dra. Luciana Lyra, integra, desde 2018, o grupo de pesquisa MOTIM — Mito, Rito e Cartografias Feministas nas Artes, vinculado à UERJ, mas que reúne também pesquisadoras da UDESC e da UFRN.

corpo como um todo, Franciele expressa a ideia de uma vocalidade incorporada e relacional, que acessa conteúdos do inconsciente, a partir da perspectiva do imaginário, como algo que perpassa nossas experiências mais profundas. Seu processo artístico preocupa-se com o aspecto afetivo da voz, com a valorização de seu caráter emocional, experienciado através da sonoridade e da materialidade dos cantos.

Trabalhando corpo e voz pelo viés do encantamento, suscitado na experiência do canto ritual de origens negras e indígenas, despertam-se outras perspectivas vocais, em dimensões ancestrais. O canto encanta e manifesta presenças que abrem caminhos para além deles. Refletindo, ainda, sobre a experiência pedagógica do canto e da construção de caminhos para uma pedagogia feminista, a partir de considerações de autoras negras como Audre Lorde (2019) e bell hooks (2019), Franciele compreende a “impostação” da voz da mulher como exercício de pluralidade e de enaltecimento das formas expressivas, marginalizadas nas culturas por serem atribuídas ao feminino. Ao seu ver, uma pedagogia feminista se constrói a partir da voz.

Encerrando este segundo bloco de *lives*, trouxemos à tona o micro-tema *Pedagogias Dialógicas na criação cênica:*

Freire e Hooks, com Lucas França¹⁷ e Rosana Pimenta¹⁸.

¹⁷ Lucas França é diretor, ator e artista-educador, graduado em Licenciatura em Arte-Teatro pelo Instituto de Artes da UNESP (2019). Também é formado em interpretação pelo Teatro Escola Macunaíma (2011) e atuação pela SP Escola de Teatro (2012). É integrante do MOTIM -Mito, Rito e Cartografias Feministas nas Artes (CNPq), desde 2015.

¹⁸ Rosana L. Andrade é graduada em Arte-Teatro pelo Instituto de Artes da UNESP. Atriz

Lucas França nos conta que o contato com a obra de Paulo Freire foi um importante disparador para a prática e para o posicionamento artístico de Lucas França, sobretudo enquanto propositor da cena teatral e performativa. A potencialidade das reflexões de Paulo Freire (2002), no âmbito da educação transbordam inevitavelmente para as demais relações, se desvelando na poética cênica de Lucas como um mediador de suas ações, pautada na criação de redes de aprendizados e trocas afetivas, descobrindo a potência através da dimensão expandida do diálogo. A partir do processo de tomada de consciência sobre suas ações, sejam elas pedagógicas, artísticas ou civis, como atos fundamentalmente políticos, por meio de uma experiência crítica em sua totalidade, estreitaram-se os diálogos de seus processos artísticos e atuações pedagógicas com as abordagens delineadas por bell hooks.

Suas reflexões acerca da necessidade de se constituírem espaços autônomos de criação, que estimulem o fazer processual numa trama relacional, atravessa os apontamentos de bell hooks a respeito da perspectiva do prazer pela experiência, como geradora de entusiasmo para todo e qualquer ato. Reconhecendo que a experiência cênica se dá efetivamente numa dimensão que transforma o lugar das afetações em prática, no campo da fricção, do contato e da

e arte-educadora, atua no terceiro setor em São Paulo. Integrante do MOTIM - Mito, Rito e Cartografias Feministas nas Artes (CNPq), desde 2015.

escuta, alterando, assim, as formas de ver e de existir na sociedade, estabelece diálogos entre aspectos fundamentais de sua prática artística e as questões pedagógicas e filosóficas abordadas por Paulo Freire, e posteriormente por bell hooks.

O pensamento freireano, atrelado ao processo de construção laboratorial da cena, como um guia no trabalho para Rosana, desdobra-se em uma escrita poética, a partir do lugar de cumplicidade, de amorosidade e de uma consciência crítica sobre os processos sociais opressivos. Já o contato com a obra de bell hooks se estabelece num lugar de devir e de exercício de escuta e aprendizado, considerando, ainda, a relação de prazer da experiência e da ação como processos modificadores, objetiva e subjetivamente.

Abrindo o terceiro e último bloco de *lives* intitulado *A Cena da margem ao centro: Outros feminismos*, destampou-se o tema do *Envelhecimento, teatro e feminismos*, com Rodrigo Cunha¹⁹. O pesquisador vem desenvolvendo um projeto junto ao *coletivo de teatro Bárbara Idade*, constituído majoritariamente por mulheres senescentes, em processo de envelhecimento. A estruturação do coletivo surge em

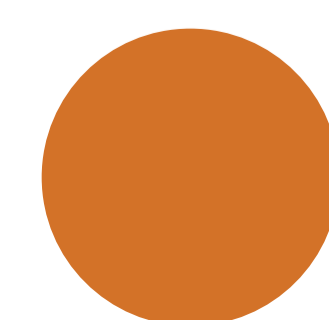
¹⁹ Rodrigo Cunha Santos é Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2019) e graduado em Educação Artística/Artes Cênicas pela Universidade Federal de Pernambuco (2004). Professor de teatro do Sesc Pernambuco desde 2005, desenvolve trabalhos com terceira idade, crianças, cursos livres de teatro e formação de atores e atrizes. Professor substituto do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino/DMTE da Universidade Federal de Pernambuco (2016/2017 e 2020) trabalhando com Fundamentos do Ensino de Artes no curso de Pedagogia.

consequência de seu trabalho como professor de teatro no Sesc de Pernambuco, partindo do pressuposto de propositor da cena para o público da terceira idade. Contudo, a experiência processual desvelada através da relação transformadora com este grupo, demarcou uma mudança de perspectiva em sua prática como artista e educador, reconstruindo seu olhar no decorrer do processo e do aprendizado conjunto, que contempla a potencialidade e a poética manifestada nestes corpos, observando as transformações e os afloramentos promovidos através do fazer teatral.

A concepção do espetáculo intitulado *(Hes)tórias Mínimas*, fundamentado na relação de troca, de compartilhamento e de comunhão, instaurou um momento imprescindível para o coletivo, restituindo o espaço de fala dessas mulheres ao trazer suas histórias e narrativas pessoais para a cena, tornando visíveis questões que as perpassam em suas vivências e trajetórias, enquanto mulheres na sociedade.

Mulheres gordas, cena e (re)existência foi o micro-tema trazido pela pesquisadora Thaís Putti²⁰ que conduz uma proposta de criação cênica, a partir do viés cômico, que deriva dos atravessamentos e afetações de seu corpo, enquanto mulher gorda, buscando romper os estereótipos

²⁰ Gorda, atriz, professora, mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina (2019 - atual), graduada em Licenciatura em Teatro pela mesma instituição (2017) e pesquisadora do MOTIM - Mito, Rito e Cartografias Feministas nas Artes (UERJ/CNPq) desde 2019.



e lógicas gordofóbicas naturalizadas na sociedade, através da transformação do olhar para a potência do corpo gordo e de suas narrativas na cena.

Sua pesquisa e proposição artística experiencia a cena por meio de uma perspectiva crítica, trabalhando o riso didático e o jogo cômico num processo questionador e político, refletindo sobre os estigmas e preconceitos que se afirmam nos espaços da dramaturgia em relação aos gordes. Ao relatar as cicatrizes dos processos físicos e emocionais vivenciados em seu corpo durante a infância e adolescência, por não enquadrar-se aos padrões hegemônicos impostos, Thaís entende que o contato e a identificação com conceitos como gordofobia e feminismo na universidade foram fundamentais para o aprofundamento e compreensão dos processos de seu corpo, permitindo redescobrir sua potencialidade e sexualidade e preencher-se de si mesma.

Dançar o gênero foi o micro-tema trazido por João Vítor Mulato²¹. Vivenciando processos que atuavam em seu corpo, desde a tenra infância, o pesquisador descobre caminhos possíveis de reconhecimento de si, permeada pelo contato com a arte, através da dança, da performance e do teatro, guiando-a na relação de trânsito entre gêneros. O desvelar de memórias da infância, de suas “memórias movediças”,

²¹ Artista-docente em formação. Doutoranda em Teatro no PPGT da UDESC. Mestra pelo PPGArC da UFRN, aonde desenvolveu sua pesquisa teórico-prática vinculada ao grupo MOTIM (UERJ, 2016 - 2019). Licenciada em Teatro pela UFRN e em Pedagogia pela UNINÁSSAU.

repletas de violência, repressão e ausência de diálogos no ambiente familiar, traçaram importantes reflexões acerca da imposição dos padrões heteronormativos em seu corpo e dos processos de domesticação das formas de expressão autênticas.

O pesquisador relatou, ainda, a importância da figura de sua avó, como um *mito-guia* para o processo de criação cênica, trajando um feminino insubmisso, que reivindica a liberdade e a autonomia de seu corpo. Sua investigação em cena é traspassada pela dimensão feminina que o habita, em uma experimentação que se amplifica através do conceito de anima, delineado por Carl Jung, juntamente aos estudos teóricos sobre gênero e feminismos, partindo de uma compreensão horizontalizada sobre ser e não ser feminino e masculino nas sociedades, onde os marcadores sociais definem e constroem estereótipos de gênero, através da ótica patriarcal.

O pesquisador Bruno Reis²², por sua vez, trouxe o micro-tema *Performatividade Cuir na comunidade Ballroom carioca*. O processo de pesquisa e explanação teórica de Reis percorre a dimensão da cena em campo expandido, investigando a relação da dança com a performance, a

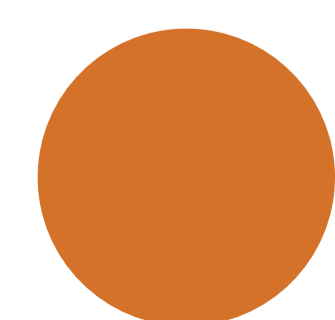
22 Bruno Reis é artista-pesquisador das artes do corpo, com trabalhos nas áreas da performance, dança e cinema. É dramaturgista da performance Repertório n.1, de Davi Pontes e Wallace Ferreira. Desenvolve pesquisas a respeito de dramaturgia do corpo, cena expandida e o corpo queer/cuir na cena contemporânea, sociabilidade, afetos e a cena ballroom e o voguing no Rio de Janeiro. Faz parte dos grupos de pesquisa MOTIM - Mito, rito e cartografias femininas na Arte, ligado ao Programa de Pós-Graduação em Artes da UERJ, e do Laboratório de Crítica (LabCrítica), vinculado aos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Dança do Departamento de Arte Corporal da UFRJ. É mestre em Ciências da Arte pela Universidade Federal Fluminense (2016), e atualmente doutorando no PPGArtes UERJ.

partir da descoberta da cultura Ballroom na cena carioca e por sua identificação com as questões visibilizadas por esse movimento e por seus atores sociais.

Segundo o pesquisador, a cultura Ballroom nasce em contexto norte americano, na década de 80, como movimento contra-cultural de protagonismo negro, LGBT e periférico, produzindo batalhas de dança e performance. Contudo, para além das experimentações artísticas suscitadas, o movimento se constitui, sobretudo, como uma comunidade de acolhimento em uma rede de resistências.

Observando complexidade das categorias de danças performáticas promovidas pelas Balls - ou Bailes, na cultura Ballroom, Bruno estabeleceu diálogos com as teorias queer e o conceito de performatividade de gênero de Judith Butler, compreendendo o “jogo” de experimentação corporal da cena Ballroom, como forma de subversão dos papéis sociais de gênero, através da habilidade de decodificar essas construções artificiais do masculino e do feminino nas culturas. Por fim, discorre ele que a mudança de grafia da palavra Queer - de origem inglesa, para Cuir, na pesquisa de Bruno, decorre de um pensamento decolonial sobre o termo, uma vez que os estudos Queer não dão conta das demandas de gênero aprendidas no cenário brasileiro.

Motins de teatro e dança no Vale de São Francisco:



poéticas de margem e (re)existência foi o micro-tema do pesquisador Paulo de Melo²³. Nascido em Petrolina, interior de Pernambuco, Melo vem delineando diálogos poéticos entre as perspectivas de centro e de margem nas cenas artísticas de teatro e dança, debruçando-se a partir das formas de articulação e de “amotinamentos” dos coletivos artísticos que se encontram fora dos “centros” fomentadores de arte. Considerando a possibilidade de movência nos conceitos de margem e centro, Paulo se propõe a refletir sobre margens que são seus próprios centros e sobre as relações de trânsito entre os termos, em uma dimensão prática.

As produções artísticas do interior e da periferia são frequentemente invisibilizadas e marginalizadas, tanto pela produção acadêmica, quanto pelo incentivo governamental através dos programas de cultura. O processo excludente e segregador, na percepção de Paulo, se constrói em decorrência de uma ótica hierarquizante e colonizadora, que atribui juízos de valor às manifestações artísticas, inferiorizando as “margens” e enaltecendo os “centros”.

²³ Paulo de Melo é um artista multidisciplinar. Mestrando em Arte e Cultura Contemporânea PPGARTES/UERJ, Especialista em Ensino Contemporâneo de Arte CESPEB/PPGE/UFRJ (2020) e Licenciado em Teatro UNIRIO (2017). Participou de Residência Artística no Prison Creative Arts Program PCAP e Centre for Latin American and Caribbean Studies LACS da University of Michigan/USA (2014). Bolsista CAPES no Mestrado e na Graduação. Durante a graduação foi bolsista de Monitoria, Programa de Extensão Teatro na Prisão e Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência PIBID. Integrante do Projeto de Pesquisa e Extensão MOTIM. Colaborador do Projeto Cinema no Interior. Tem experiência nas áreas de Artes/Teatro, Artes/Dança, Artes/Cinema, Artes/Canto. Profissionalmente trabalha como Ator e Bailarino desde 2002, tendo atuado em renomadas Cias de Teatro e de Dança, Musicais, Filmes, Séries e Novelas, em produções realizadas no Brasil e no Exterior. Na pesquisa, se dedica aos debates sobre Pedagogias do Teatro, Pedagogias da Dança, Educação, Cultura Contemporânea e Cultura Popular. Tem experiência na área de Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: Ensino do Teatro, Ensino da Dança, Cidadania, Teatro de Formas Animadas e Teatro Social.

Paulo relata, ainda, sua necessidade de migrar de Petrolina durante sua trajetória artística, acreditando ser a única possibilidade de construir um caminho através da arte. Contudo, seu retorno à Petrolina o fez redescobrir a potencialidade da cena artística produzida nos interiores, percebendo a atuação e organização de grupos e de coletivos da “margem” como táticas de enfrentamento, estratégias de (re)existência e ações decoloniais, capazes de provocar fissuras no sistema de arte e romper lógicas de subalternização e domínio.

Em *Corpo e(m) paradoxo: (des)amotinamento na cena*, a pesquisadora Bárbara Mazzola²⁴ relata que o seu desejo é de investigar a potência do corpo na cena, em contato com o teatro contemporâneo, por meio de questionamentos sobre as possíveis lógicas que operam no “corpo em arte”, conduzindo-o ao estado criativo. Ao se aprofundar no trabalho de corpo na cena do teatro e da dança, a partir da perspectiva de atores e atrizes, Bárbara adentra em conceitos estruturais, como as ideias de corpo paradoxal e presença, fundamentados através dos aportes teóricos e filosóficos em sua pesquisa.

 O conceito de corpo paradoxal está atrelado a dimensão

24 Bárbara Mazzola é atriz (Teatro-Escola Célia Helena/SP), dançarina e mestra em Artes Cênicas (UNIRIO). Possui graduação em Psicologia (Universidade de Mackenzie/SP) e graduação incompleta em Dança (Faculdade Angel Vianna/RJ). No campo das Artes mantém seu foco de atuação e pesquisa sobre processos criativos e corpo em arte no teatro e na dança. Foi atriz do Grupo Redimunho de Investigação Teatral (SP). Produziu três edições do curso Intensivo de Dança Butoh com Ana Medeiros (RS) e Hiroshi Nishiyama (JP); realizou assistência a Prof.^a M.^a Cláudia Mele em cursos universitários de Artes Cênicas e Psicologia nas disciplinas de Corpo e Movimento e Técnicas Expressivas nas instituições Casa de Artes de Laranjeiras, Faculdade Cesgranrio e Universidade Santa Ursula, na cidade do Rio de Janeiro.

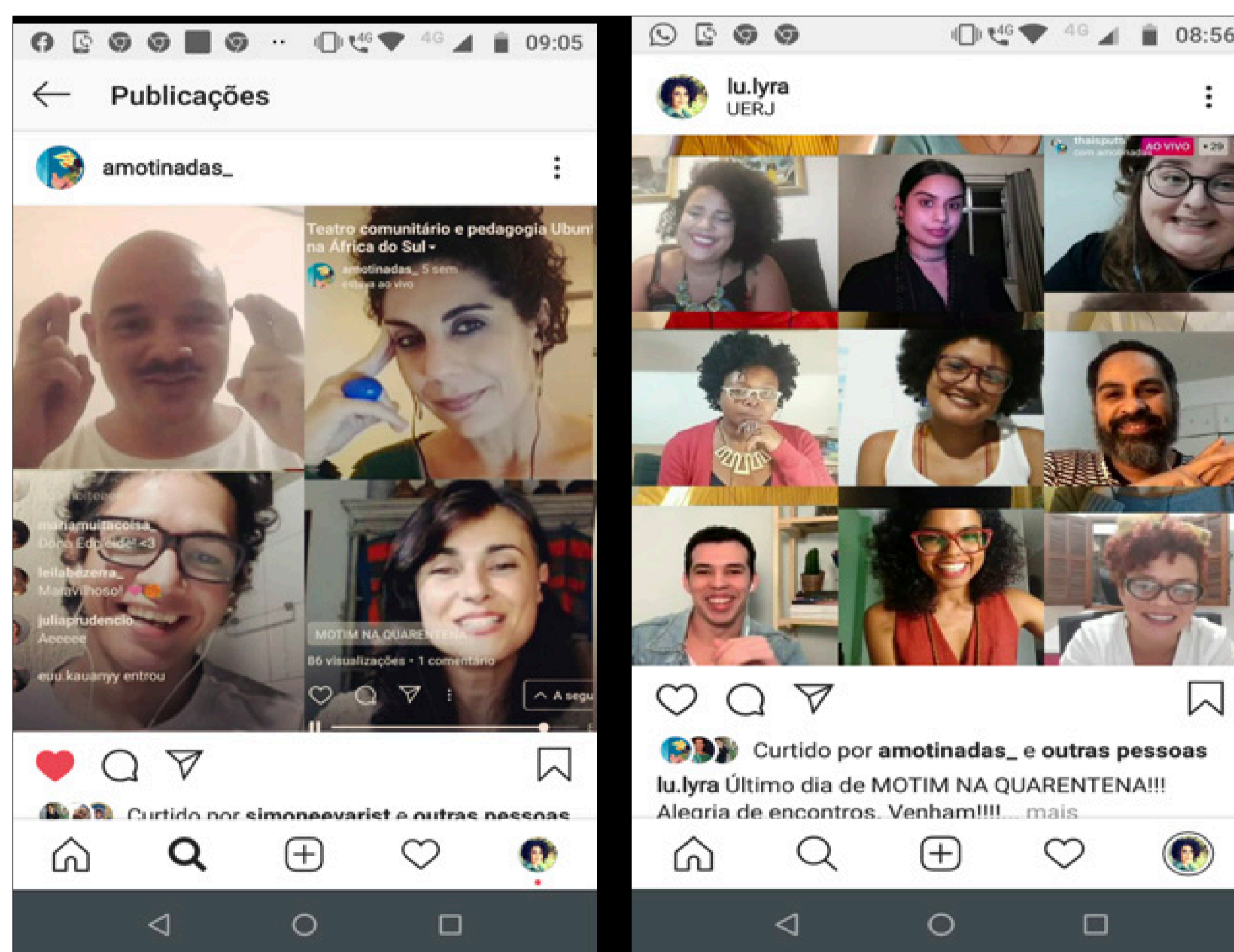
de movência do corpo em arte, que é simultaneamente sujeito e objeto, interior e exterior, veículo material da materialidade. As dinâmicas do corpo em estado criativo acessam o território das micro percepções, onde se dinamizam as forças que atuam no corpo e que o transpassam. Já o conceito de (des)amotinamento traçado por Bárbara, pressupõe a percepção do corpo como um motim, de afetos, de forças e de experiências, em contínua relação, desvelando o corpo na arte como um rearticulador desses atravessamentos, reamotinando os fluxos a partir de atuações micro-políticas, a fim de recriar territórios de vivência.

A última *live* empreendida no projeto MOTIM NA QUARENTENA teve como micro-tema *Mulheres em deriva: O caminhar na cidade como ato estético-pedagógico*, de Gabriela Tauroco²⁵. A pesquisadora entende o ato de caminhar pelas ruas da cidade em cartografias dos afetos, redescobrando os espaços de trânsito a partir de seus desejos e afetações, e compondo derivas poética junto ao seu deslocamento. A redescoberta do cotidiano da cidade, através de uma abordagem artística e filosófica que investiga o estado perceptivo e relacional com o espaço do fora, conduziu a pesquisa e reflexão de Gabriela sobre a arte que se produz na rua, estabelecendo diálogos com questões

²⁵ Artista brasileira, nascida em Porto Alegre-RS, desde 2018 reside no Rio de Janeiro. Doutoranda em Artes - PPGArtes/UERJ, mestra em Artes Cênicas - PPGAC/UFRGS e licenciada em teatro - UFRGS. Membro do grupo de pesquisa MOTIM - Mito, Rito e Cartografias Femininas nas Artes. Vincula seu trabalho artístico com a formação de atores e do trabalho do sujeito sobre si através de uma prática pedagógica transdisciplinar. Atualmente desenvolve trabalhos em arte usando como suporte a cena, a fotografia, o vídeo, a performance e a escultura.

da pedagogia na formação da atores e atrizes. O encontro com @s artistas de rua nos processos de deriva, pela cidade de Porto Alegre, desdobrou novos questionamentos acerca da construção de um pensar pedagógico no teatro, a partir das práticas das artísticas que estão em constante relação e afetação com @ outr@.

Sua experimentação artística, evidência, ainda, os atravessamentos do corpo mulher no espaço público, manifestando a dualidade do caminhar e do ocupar o fora, onde coabitam zonas de risco e espaços de potência. Toda a pesquisa é atravessada pela compreensão de um fazer pedagógico como meio de transformação social e exercício de liberdade e autonomia, bem como, sua relação com a cena teatral, estabelecida partir de ações micropolíticas.

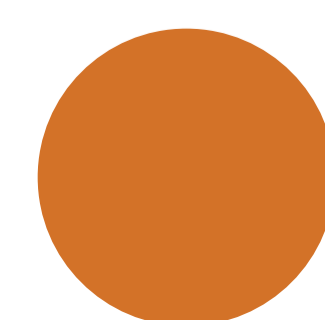


Figuras 4 e 5 - Screenshots das lives do projeto MOTIM NA QUARENTENA na plataforma *instagram*.

Nas imagens, @s integrantes do MOTIM. Captura de tela Lisa Miranda

Findo o projeto MOTIM NA QUARENTENA em julho de 2020, ecoa sua profusão intensa de pesquisas em dialogia, explicitando-nos que estar em torno da fogueira virtual dizendo de nossa arte em pesquisa também é ato de resistência, de restauração da esfera da micropolítica, destampando a possibilidade de cura da vida subjetiva, em oposição a sociedade ocidental, colonial, patriarcal, racializante e capitalista, como nos lembra ROLNIK (2018).

Coube a este projeto realizado por tod@s que formam o MOTIM explorar, pela via das *lives*, a práxis e a teoria cujo objetivo é liberar a vida de sua expropriação, relevando o protesto das consciências, a insurreição. A nova modalidade de poder instaurada no Brasil, que faz a união do neoliberalismo e conservadorismo, traça uma realidade que nos convoca a (re)inventarmos nossos modos de pensar, agir e nesse sentido o projeto MOTIM NA QUARENTENA acaba por se configurar com ação efetiva de busca do enfrentamento como posicionamento permanente na arte/vida, crendo que a descolonização do pensamento é uma micropolítica essencial para a construção de outros mundos, é através dela que vamos nos fortalecer e avançar no contexto planetário.



__REFERÊNCIAS

ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. São Paulo, Editora Martins Fontes, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo, Editora Paz e terra, 2002.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2019.

JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 2008.

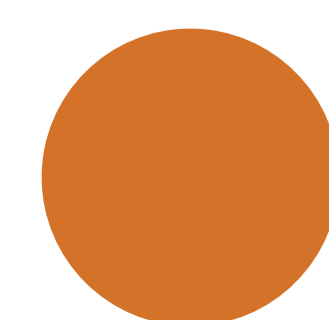
KILOMBA, GRADA. **Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro, Editora Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LYRA, Luciana (org). **O livro do MOTIM**. São Paulo, Paco editorial, 2020 (no prelo).

_____. **Editorial - O Motim Cartografando Rastros e Vestígios de Pesquisas Tramadas por Mulheres nas Artes da Cena**. Revista Arte da Cena, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 3-7, jan.- jun./2017. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/artce> Acesso em maio de 2020.

_____. **Mitodologia em Arte no Cultivo do**



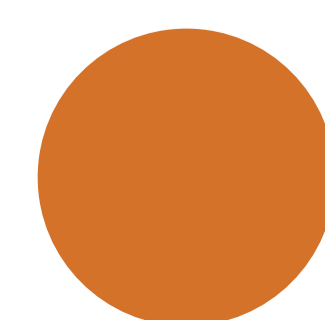
Trabalho do Ator: Uma Experiência de F(r)icção. 2015. 150 f. Relatório (Pós-Doutorado em Artes Cênicas). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN.

NASCIMENTO, Abdias. **Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões.** *Revista do patrimônio histórico e artístico nacional.* número 25 Negro Brasileiro, 1997.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** São Paulo, Pólen Livros – Coleção Feminismos Plurais, 2018.

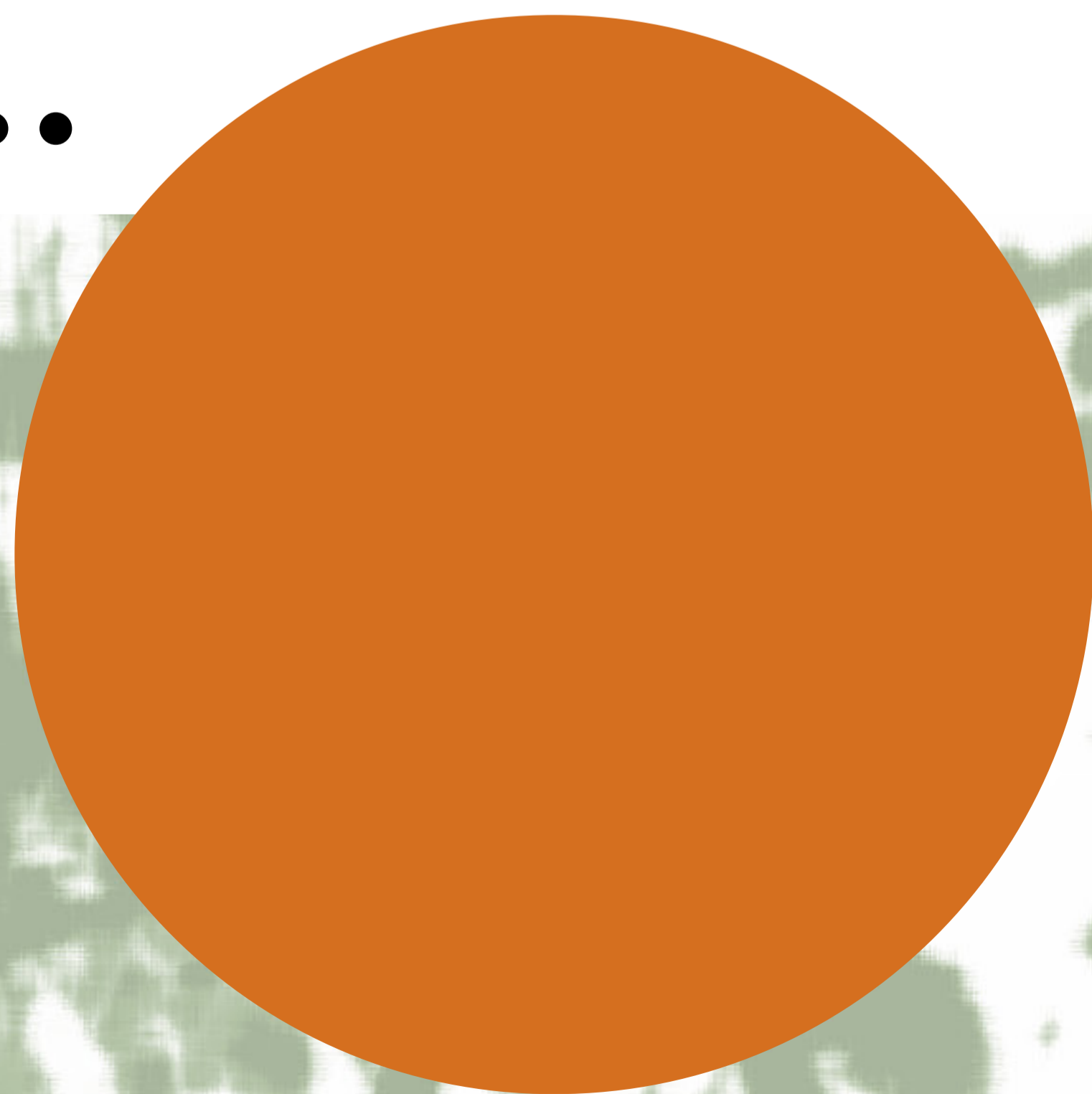
_____. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo, Companhia das Letras, 2018.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada.** São Paulo, n-1 edições, 2019.





PPG-Artes da Cena
 Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena
 Instituto de Artes - UNICAMP



ISBN: 978-65-88507-02-5

